

Aluno(a) ● ● ●

Disciplina

Língua Portuguesa

Professor(a)

Tomás Hamú

Ano

9º

Turma

Data

06/11/2017

Texto comum à questão 01

As descontroladas

¹ As primeiras mulheres que passaram na calçada da Rio Branco chamavam-se melindrosas. ² Eram um tanto afetadas, com seu vestido de cintura baixa e longas franjas, mas a julgar por uma ³ caricatura célebre de J. Carlos tinham sempre uma multidão de almofadinhas correndo atrás. O ⁴ mundo, cem anos depois, mudou pouco no essencial. Diz-se agora que o homem “corre atrás do ⁵ prejuízo”. De resto, porém, a versão nacional do assim caminha a humanidade segue o mesmo ⁶ cortejo de sempre pela Rio Branco — com o detalhe que as mulheres trocaram as franjas pelo ⁷ cós baixo da calça da Gang. E, evidentemente, não são mais chamadas de melindrosas.

⁸ Elas já atenderam por vários nomes. Uma “uva” era aquela que, de tão suculenta e bem-feita ⁹ de curvas, devia abrir as folhas de sua parreira e deliciar os machos com a eternidade de sua ¹⁰ sombra. Há cem anos as mulheres que circulam pela Rio Branco já foram chamadas de tudo e, ¹¹ diga-se a bem da verdade, algumas atenderam. Por aqui passou o “broto”, o “avião”, o “violão”, a ¹² “certinha”, o “pedaço”, a “deusa”, a “boazuda”, o “pitéu”, a “gata” e tantas outras que podem não ¹³ estar mais no mapa, como as mulatas do Sargentelli, mas já estão no Houaiss eletrônico. Houve ¹⁴ um momento que, de tão belas, chegaram a ficar perigosas. Chamavam-nas “pedaço de mau ¹⁵ caminho” ou “chave de cadeia”. Algumas, de carne tão tenra, eram “frangas”.

¹⁶ Havia, de um modo geral, um louvor respeitoso na identificação de cada um desses tipos que ¹⁷ sucederam as melindrosas. Gosto de lembrar daquela, ali pelo início dos 60, que era um “suco”. ¹⁸ Talvez porque sucedesse o tipo de “uva” e fosse tão aperfeiçoada no inevitável processo de evolução ¹⁹ da espécie que já viesse sem casca e, principalmente, sem os caroços. Sempre prontinhas para ²⁰ beber. De uns tempos para cá, quando se pensava que na esquina surgiria um vinho de safra ²¹ especial, a coisa avinagrou. As mulheres ficam cada vez mais lindas mas os homens, na hora de ²² homenageá-las, inventam rótulos de carinho duvidoso. O “broto”, o “violão” e o “pitéu” na versão ²³ arroba ponto com 2000 era a “popozuda”. Depois, software 2001, veio a “cachorra”, a “sarada”. ²⁴ Pasmem: era elogio. Algumas continuavam atendendo.

²⁵ Agora está entrando em cena, perfilada num funk do grupo As Panteras — um rótulo que, ²⁶ a propósito, notou a evolução das “gatas” —, a mulher do tipo “descontrolada”. (...). Não é ²⁷ exatamente o que o almofadinha lá do início diria no encaminhamento do eterno processo ²⁸ sedutivo, mas, afinal, homem nenhum também carrega mais almofadas para se sentar no ²⁹ bonde. Sequer bondes há. Já fomos “pães”. Muito doce, não pegou. Somos todos lamentáveis ³⁰ “tigrões” em nossa triste sina de matar um leão por dia.

³¹ Elas mereciam verbetes melhores, que se lhes ajustassem perfeitos, redondos, como a tal ³² calça da Gang. A língua das ruas anda avacalhando com as nossas “minas”, para usar a última ³³ expressão em que as mulheres foram saudadas com delicadeza e exatidão — dentro da mina, ³⁴ afinal, cabe tanto a pepita de ouro como a cavidade que se enche de pólvora para explodir e ³⁵ destruir tudo o que estiver em cima.

³⁶ A deusa da nossa rua, que sempre pisou os astros distraída, não passa hoje de “tchutchuca ³⁷ marombada” ou “popozuda descontrolada”. É pouco para quem caminha nas pedrinhas ³⁸ portuguesas como se São Pedro fosse sobre as águas bíblicas. Algumas delas, uvas do vinho ³⁹ sagrado, santas apenas no aguardo da beatificação vaticana, provocando ainda maior alvoroço, ⁴⁰ alubrimento e estupefação dos sentidos.

O que as mulheres procuram na bolsa: crônicas. Rio de Janeiro: Record, 2004.

01 - Observe os verbos sublinhados nas passagens abaixo, todos no singular:

- Há cem anos as mulheres que circulam pela Rio Branco já foram chamadas de tudo (Ref. 10)
- Sequer bondes há. (Ref. 29)
- Por aqui passou o “broto”, o “avião”, (...) e tantas outras que podem não estar mais no mapa, (Refs. 11-13)
- dentro da mina, afinal, cabe tanto a pepita de ouro como a cavidade que se enche de pólvora (Refs. 33-34)

Explique, com base nas regras de concordância da norma padrão, por que, nesses exemplos, o verbo haver fica sempre no singular, e por que passar e caber poderiam estar no plural: *passaram* e *cabem*.

Leia estes cartazes para responder aos exercícios 02 e 03.



Mostra "Menas: o certo do errado, o errado do certo", realizada no Museu de Língua Portuguesa, em 2010, com o objetivo de valorizar a linguagem popular.

Disponível em: <<http://noticias.r7.com>>.

Acesso em: 20 jun. 2011.

02 - EXPLIQUE, do ponto de vista da gramática normativa, o problema que ocorre na frase apresentada em cada um desses cartazes.

03 - REESCREVA a frase apresentada em cada um desses cartazes, de modo a adequá-la às regras do português padrão.

Texto comum às questões 04 e 05.

"As pessoas ficam zoando, falando que a gente não conseguiria entrar em mais nada, por isso vamos prestar Letras", diz a candidata ao vestibular. Entre os motivos que a ligaram à carreira estão o gosto por literatura e inglês, que estuda há oito anos.

(Adaptado da *Folha de S. Paulo*, 22/10/00)

04 - As aspas assinalam, no texto acima, a fala de uma pessoa entrevistada pelo jornal. Identifique duas marcas de coloquialidade presentes nessa fala.

05 - No trecho que não está entre aspas ocorre um desvio em relação à norma culta. Reescreva o trecho, fazendo a correção necessária.

Texto comum à questão 06 e 07.

Geração Canguru

Gilberto Dimenstein

Ao mapear novas tendências de consumo no Brasil, publicitários acreditam ter detectado a "Geração Canguru". São jovens bem-sucedidos profissionalmente, têm entre 25 e 30 anos de idade e vivem na casa dos pais. O interesse neles é óbvio: compõem um nicho de consumidores com alto poder aquisitivo.

Ainda na "bolsa" da mãe, eles mostram que mudaram as fronteiras entre o jovem e o adulto. Até pouquíssimo tempo atrás, um marmanjão de 30 anos, enfiado na casa dos pais, seria visto como uma anomalia, suspeito de algum desequilíbrio emocional que retardou seu crescimento.

O efeito "canguru" revela que pais e filhos estão mutuamente mais compreensivos e tolerantes, capazes de lidar com suas diferenças. Para quem se lembra dos conflitos familiares do passado, marcados pelo choque de gerações, os "cangurus" até sugerem um grau de civilidade. Não é tão simples assim.

Estudos de publicitários divulgados nas últimas semanas indicam um lado tumultuado – e nem um pouco saudável – dessa relação familiar. Por trás das frias estatísticas sobre tendência do mercado, a pergunta que aparece é a seguinte: até que ponto os brasileiros mais ricos estão paparicando a tal ponto seus filhos que produzem indivíduos com baixa autonomia?

Ao investigar uma amostra de 1.500 mães e filhos, no Rio e em São Paulo, a TNS InterScience concluiu que 82% das crianças e dos adolescentes influenciam fortemente as compras das famílias. A pressão é especialmente intensa nas classes A e B, cujas crianças, segundo os pesquisadores, empregam cada vez mais a estratégia das birras públicas para ganhar, na marra, o objeto de desejo.

Com medo das birras, as mães tentam, segundo a pesquisa, driblar os filhos e não levá-los às compras, especialmente nos supermercados, mas, muitas vezes, acabam cedendo. Os responsáveis pelo levantamento da InterScience atribuem parte do problema ao sentimento de culpa. Isso porque, devido ao excesso de trabalho, os pais ficam muito tempo longe de casa e querem compensar a ausência com presentes.

Uma pesquisa encomendada pelo Núcleo Jovem da Abril detectou que muitos dos novos consumidores vivem uma ansiedade tamanha que nem sequer usufruem o que levam para casa. Já estão esperando o produto que vai sair. É ninfomania consumista. Jovens relataram que nunca usaram, nem mesmo uma vez, roupas que adquiriram. Aposentam aparelhos eletrodomésticos comprados recentemente porque já estariam defasados.

Psicólogos suspeitam que essa atitude seja uma fuga para aplacar a ansiedade e a carência, provocadas, em parte, pela falta de limite. Imaginando-se modernos, pais tentam ser amigos de seus filhos e, assim, desfaz-se a obrigação de dizer não e enfrentar o conflito. O resultado é, no final, uma desconfiança, explicitada pelos entrevistados, ainda maior em relação aos adultos.

Outro estudo, desta vez patrocinado pela MTV, detectou um início de tendência entre os jovens de insatisfação diante de pais extremamente permissivos. Estão demandando adultos mais pais do que amigos. Para complicar ainda mais a insegurança das crianças e dos adolescentes, a violência nas grandes cidades leva os pais, compreensivelmente, a pilotar os filhos pelas madrugadas, para saber se não sofreram uma violência. Brincar nas ruas está desaparecendo da paisagem urbana, ajudando a formar seres obesos, presos ao computador.

Há pincéis de estudo mostrando como a brincadeira, dessas em que nos sujamos, ralamos o joelho na árvore, ajuda a desenvolver a criatividade, o senso de autonomia e de cooperação. É um espaço de estímulo à imaginação.

Todos sabemos como é difícil alguém prosperar, com autonomia, se não souber lidar com a frustração. Muito se estuda sobre a importância da resiliência – a capacidade de levar tombos e levantar como um elemento educativo fundamental.

Professores contam, cada vez mais, como os alunos não têm paciência de construir o conhecimento e desistem logo quando as tarefas se complicam um pouco. Por isso, entre outras razões, os alunos decepcionam-se rapidamente na faculdade que exige mais foco em poucos assuntos.

Os educadores alertam que muitos jovens têm dificuldade de postergar o prazer e buscam a realização imediata dos desejos; respondem exatamente ao bombardeamento publicitário, inclusive na ingestão de álcool, como vamos testemunhar, mais uma vez, nas propagandas de cerveja neste verão. Daí o risco de termos "cangurus" que fiquem cada vez mais na bolsa (e no bolso) dos pais.

P.S. – Em todos esses anos lidando com educação comunitária, posso assegurar que uma das melhores coisas que as escolas de elite podem fazer por seus alunos é estimulá-los ao empreendedorismo social. É um notável treino para enfrentar desafios. Enfrentam-se em asilos, creches e favelas os limites e as carências. Conheci casos e mais casos de alunos problemáticos que mudaram sua cabeça ao desenvolver uma ação comunitária e passaram, até mesmo, a valorizar o aprendizado curricular.

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein/colunas/gd121205.htm>

06 - Leia novamente:

“Todos sabemos como é difícil alguém prosperar, com autonomia, se não souber lidar com a frustração.”

Explique a concordância entre o sujeito e o verbo na parte acima destacada.

07 - Compare a concordância acima (Todos sabemos) com: “Todos sabem como é difícil...”. Qual é a principal diferença no **impacto discursivo** produzido pelas duas formas? Justifique sua resposta.

Leia o texto para responder aos exercícios 08 e 09.

Como diz o sociólogo Domenico De Masi, contratação inadequada: você seleciona gente “quadrada” e quer que elas passem, de repente, a ser “redondas”.

(...)

Mais importante que a alta rotatividade, dirão alguns, é saber lidar com os desligamentos. Se demissões são inevitáveis, o mínimo a fazer é tratar os demitidos com respeito, dignidade e transparência, assegurando os direitos trabalhistas e estendendo benefícios por um período maior. Não é crível, contudo, que hajam defensores de *turnover* elevado. Alta rotatividade é doença (grave) e não deve ser subestimada.

(Jornal *Nota 10*, PR, agosto de 2009)

08 - No contexto, explique a concordância do termo *redondas*, justificando se está correta ou não.

09 - No texto, há um erro de concordância verbal. Transcreva-o, corrija-o e justifique a correção.

10 - Observe este anúncio.



Fonte: Floha de S. Paulo, 26/09/2008. Adaptado.

a) Na composição do anúncio, qual é a relação de sentido existente entre a imagem e o trecho “quem é e o que pensa”, que faz parte da mensagem verbal?

b) Se os sujeitos dos verbos “descubra” e “pensa” estivessem no plural, como deveria ser redigida a frase utilizada no anúncio?